

Século XXI: a escolha do sexo no labirinto¹

Carmen González Táboas

Houve tempos nos quais o império da lei ordenava as coisas e os sexos pela própria força da lei, não importava que divindade ou poder encarnava para um sujeito a função do Nome-do-Pai. Na origem da lei estava a violência da voz de ordem, "o dito primeiro" que "decreta, aforiza, legisla, é oráculo, confere ao Outro real sua obscura autoridade"². O inconsciente se encarregava de outras diferentes versões, segundo seu gozo.

Em *A Ética* (1959/1960), Lacan diferenciava a tragédia moderna da cristã, que deixou de ser coroada de beleza como a tragédia grega e antiga. A trilogia de Paul Claudel³ é a saga decomposta na qual o pai humilhado, - um pai sem honra - "reflete a explosão de nosso tempo"⁴. A decomposição estrutural do mito edípico freudiano não se deteve. Nos anos 70 caíram muitas proibições; os grupos gays se manifestaram, se politizaram, tiveram lugar nas universidades. Nos 80, irromperia a aids.

Em março de 1974⁵, Lacan articula a função do Nome-do-Pai e o amor. O exemplo do Édipo fazia passar pela voz da mãe um "dizer não" lógico, o não da função do pai sustentado no amor, de onde surgiam as proibições. Degradado o pai, o desejo da mãe se antecipa, expulsa o Nome - o não - do Pai, decide o "soberano bem" do filho. Nasce uma "nova ordem de ferro" (materna), que nomeia para um bem qualquer, e oculta "que não temos a menor ideia de quem nos traria a via do bem"⁶. O social passa a encarnar a lei de ferro, que vem de qualquer parte. Nessa mesma ordem se inscreve a condenação social. Quem sabe o Bem, sabe o Mal.

Julgar: drogadito, marica, bipolar, débil, puta, delinquente, guarda-costas, incapaz, gordo, negro, pobre, velho, cana, sul-americano, boliviano, vadio, piqueteiro, etc., não é restituir uma ordem? Uma ordem de ferro petrifica. Excluído o sujeito da enunciação, ele já não é escutado, não conta. Pergunta Lacan: a expulsão ("foraclusão") da função paterna, "não é o signo de uma degeneração catastrófica?". Para onde ela aponta? Se a ordem de ferro esmaga o enigma de uma subjetividade, nenhum amor genuíno é possível. A barbarização da existência nas metrópolis-pânico parece lhe dar razão.

1. Os sexos em seu labirinto

A metáfora do labirinto - um labirinto cuja saída nunca será alcançada - aparecia no mesmo contexto⁷. Em fevereiro de 1974 Lacan dizia: "A linguagem está sulcada de canaizinhos, de sutilezas, de obstáculos criados para embolar as coisas e conduzir a lugares onde nos perdemos. A escolha do sexo, pega neste labirinto, nos deixa sem saída, falando como tontos, inventando sentidos, sempre se pode agregar um significante a mais". Com efeito, não há relação sexual que possa se escrever, ou seja, que possa se calcular, predizer-se, se assegurar. No labirinto da linguagem, a comédia dos sexos e a contingência do amor testemunham "a desventura do desejo nos cercos de gozo, que espreita um deus maligno"⁸.

É o labirinto subjetivo do ser sexuado que concerne à psicanálise em seu dispositivo. Mas também nos concerne outro labirinto; o que hoje formam os discursos sobre os sexos e sobre a escolha do sexo. Apesar de serem labirintos diferentes, nunca deixam de estar entrecruzados a partir do fato de que o ser que fala se banha nesses discursos, e é afetado por eles. Em quais discursos se banha um sujeito?

Uma afirmação forte abre o título que situa o VIII Congresso da AMP em 2012: "A ordem simbólica no século XXI já não é o que era". A degradação das diferentes formas de autoridade, o rechaço de toda proibição, a redução do sujeito ao indivíduo, o laço social precário mediado pelos objetos do consumo, etc., formam o marco instável no qual se apaga o binarismo da diferença. Deixada de lado a legalizada partição dos sexos, que decretava que *se é homo é perverso, e se é hétero é normal*, goza-se de muitas maneiras. O homo elege o gozo autoerótico, elege o igual, rechaça o que não é semelhante. O hétero se apresenta na estranheza do sintoma; por isso uma mulher, que nunca está toda aí onde se a espera, - Outra para si mesma - é para um homem seu sintoma.

Atualmente, aos estudiosos de gênero se agregam os autores que se identificam como *queers*. Estes questionam os primeiros; concordam no rechaço de toda diferença normatizada. Afirmam que a bipartição entre hetero e homo sexualidade é funcional aos negócios do capitalismo e limitante para a liberdade sexual. Já que o momento gay era inevitável, dizem, sobretudo depois que a aids deixou aí sua dolorosa marca, "tínhamos que nos fazer visíveis para aceder a ser tratados jurídica e terapeuticamente". Mas o tema ganhou peso político e mediático, e - ao menos nas cidades - passou à cultura popular; parece chegado o tempo de pensar outras coisas.

Isso é expresso por um homossexual *queer* norteamericano, Leo Bersani⁹, que constrói o conceito de *homocidade* para nomear a mesmice de um "nós". Quem? Os que se separam da lei da diferença heterossexual-homossexual, que por fim só exaspera a homofobia. Ao complexificar a diferença e dar lugar à diversidade sexual da vida erótica, se aproximam ao labirinto do sujeito do gozo nos avatares da escolha do sexo.

2. O avanço lacaniano e os novos horizontes da clínica

Hoje o discurso analítico não só opera sobre o gozo que se oculta sob os véus dos argumentos da fantasia nas neuroses, ou na crueza do fenômeno elementar e da estranheza do delírio. Outra "categoria epistêmica"¹⁰, a *psicose generalizada ou ordinária*, proposta à investigação por Jacques-Alain Miller há alguns anos, é, na clínica atual, o correlato do simbólico desestabilizado, precário, insuficiente para ordenar a anarquia das formas imaginárias nas quais se manifesta o gozo pulsional, não sujeitas às coordenadas de alguma normalidade imposta. Mais ainda estão os sujeitos que se apresentam encapsulados em seus eus, autômatos consumidores do saber manipulável e acumulável que os objetos da técnica oferecem.

Hoje, o que era anormal pode ser comum; tudo pode ser exibido na cena mediática ou cibernética. A disfuncionalidade das famílias, as novas práticas sexuais, os brinquedos eróticos, a engenharia dos corpos, o *piercing* e a tatuagem; o luxo e os restos, a miséria e a riqueza. Marco no qual a escolha do sexo encontra suas novas vicissitudes. Na escolha inconsciente do sexo sempre se enodam a invariante de um gozo primeiro e as variáveis que intervêm na resposta do sujeito.

Reaberta em *O Seminário, livro 11*, a questão freudiana da satisfação pulsional, "orientação primeira do ser" logicamente anterior não ao significante, mas ao recalque, Lacan leu "As pulsões e seus destinos"¹¹; uma nova volta que abre a brecha de "algo mais além"¹² do inconsciente palavreiro, que cifra e decifra, interpreta e pede interpretação.

O forte avanço de Lacan desemboca em seu ensino dos anos 70 no qual, resume Jacques-Alain Miller, "está ausente o romantismo, a patologia do Outro" que se nutria da fantasia neurótica. Hoje se multiplicam os casos nos quais

o ser que fala permanece alheio e fechado ao não saber de si; a repetição se impõe nos novos sintomas, os gozos se apresentam com uma fixidez indiferente à interpretação. Bulimias, anorexias, bipolaridade, toxicomanias, depressões, hiperatividade, o chamado estresse, são o correlato do discurso social, com seus efeitos de desorientação e desinserção¹³.

Em tempos nos quais a lei do Pai é substituída pela outra lei de ferro, e prevalecem as formas autoeróticas de satisfação, a psicanálise de orientação lacaniana conta com a transferência do analista ao discurso analítico, com a eficácia do ato analítico e com a lógica da sexuação; esta permite localizar o gozo macho, autoerótico, autista, fálico, e Outra satisfação, a do bla-bla-bla¹⁴, que o excede, passa para o lado do gozo feminino e vira fantasia de amor, quando não a loucura.

3. Um parêntese: "o resto de homem"; a figura do agressor

O texto de Freud de 1905, "As aberrações sexuais", fala de "instinto"; ele ainda não havia dito "pulsão" (*trieb*) para nomear a especificidade da sexualidade humana¹⁵. Nós rebaixamos o instinto, disse Freud; depreciamos a atividade sexual em si mesma". É o "nós" do século XIX, é o Ocidente após a Reforma luterana do século XVI, e das revoluções - científica, industrial, social - dos séculos XVII e do XVIII. Freud morreu sem imaginar as derivas que seriam produzidas depois das duas guerras imperialistas, a revolução dos costumes sexuais, os movimentos pelos direitos das minorias, etc. Situar assim o texto freudiano me sugere este parêntese para deixar de sobreaviso o "mundo novo" dissecado pela ácida ironia de Alexander Kojève¹⁶.

Para Kojève, o mundo novo, longe de ser os USA, era o do declínio do viril na Europa que nasceu com a derrota

napoleônica, e deu lugar à "nova ola" (música, sexo e política nas ruas), e a uma filmografia na qual Truffaut, Godard, Resnais, Chabrol deixaram sua marca. Mas Kojève viu antecipado na literatura com Françoise Sagan (*Bonjour tristesse*, 1954). Agora eles exibem seus corpos e deixam a elas a iniciativa sexual. Elas a tomam. Que mundo é esse em que os homens "já não morrem gloriosamente", a não ser em suas camas com pijamas de seda?(Digo, ou despídos nas ruas, ou prisioneiros, ou desocupados, ou refugiados, ou exilados). Miller¹⁷ resume que "o direito para todos" absorve as diferenças e também o feminino, que deixa "um resto de homem".

Em seu artigo, Kojève se atreve a dizer que Hegel, Sade e Brummell anteciparam "a degradação do viril". O terceiro destes oferece um interesse muito particular. Acaso o famoso George Brummell (1778-1840), o dandy filho de um simples secretário de um ministro, não era, ao mesmo tempo, um déspota capaz de destruir uma reputação em um instante? Comparado com Napoleão por sua figura, apagado de si mesmo, sem mulher, grosseiro provocador da estúpida aristocracia que o adorava, herói ao avesso ao estilo fascista, nunca fez nada. Morreu louco e esfarrapado em um convento.

Josefina Ludmer¹⁸ fala de "os profanadores"¹⁹, autores latinoamericanos, "misóginos histriônicos arrogantes e brutais", ofensivos para seus respectivos países. Não apenas; "o velho dandy colombiano" de *A virgem dos sicários* disse: "porque para mim as mulheres eram como se não tivessem alma. Um coco vazio".

O dandy me traz a figura atual do agressor, quando cresce o número de mulheres espancadas, queimadas, assassinadas. Não digo que o agressor de hoje seja um dandy. O agressor de hoje é o resto de macho que se banha na precariedade simbólica do século XXI, seja literato ou governante. Por isso é tão esclarecedor o comentário de

Miller sobre este ponto: "o dandy é o macho, não há mulher dandy". (Ante a pergunta do leitor: acaso não há homens espancados?, direi: é tão óbvio quem é o homem e quem é a mulher, qual a distribuição dos gozos na parceria hetero e homossexual?). Onde o nome do pai funciona, as mulheres - sacrifício ou reivindicação histórica - se oferecem à pancada segundo uma fantasia de amor. "O resto de homem", por identificação imaginária à potência fálica ou à satisfação perversa, lastima, queima ou mata de mil e uma maneiras. (Outro caso diferente: o da loucura desencadeada).

4. Com Freud. Há algo inato e definitivo na orientação sexual?

Em "As aberrações sexuais", separando a sexualidade humana da necessidade biológica, Freud interroga o instinto/pulsão²⁰ na relação com a inversão sexual que existiu²¹, disse, nos povos primitivos e na Grécia, malgrado a fábula popular das metades que se buscam. A ciência da época se limitava a ver na inversão da libido "um signo congênito de debilidade nervosa". Mas, de onde sai a orientação sexual? Depende das primeiras experiências? Ou há algo inato e definitivo? Freud faz as boas perguntas e coloca sua pedra angular: entre o instinto sexual e seu objeto há uma aderência que passa despercebida na vida sexual chamada "normal" e "natural". O objeto da libido pode ser qualquer um.

O mais notável desse ensaio é uma diversidade da lógica de sexuação. Por um lado Freud disse: a heterossexualidade pura também é problemática, pois nos dois sexos há uma tendência bissexual, uma das quais é reprimida; as aberrações sexuais estão nas preliminares do ato sexual e no inconsciente dos neuróticos como agentes da formação de sintomas. Por outro lado, o texto nos

surpreende dizendo: "é mais fácil estudar a vida sexual dos homens, pois a insinceridade das mulheres as deixa ainda envoltas em impenetrável obscuridade". Sobre tal insinceridade Lacan dirá que uma mulher, "ela não está toda aí" onde ele a busca, guiado pelo objeto de sua fantasia. Ela lhe escapa - é Outra até para si mesma -, mas pode ser capturada em uma fantasia de amor.

A lógica freudiana, fálica, era uma ferramenta limitadora no momento de distribuir os sexos; a lógica fálica, ou aristotélica, ou comum, a da linguagem que falamos, não pode fazer outra coisa do que separar homens e mulheres segundo ter ou não ter o órgão, pois a linguagem não dá outra coisa que a espécie homem. Podemos dizer eles e elas, companheiros e companheiras, isso não nos livra do universal *homens*.

Tal lógica não deteve o voo freudiano; o inconsciente de Freud segue sua própria lógica significante indiferente à contradição. Aberta "a zona das larvas", o "grão do ser", o "umbigo do sonho", as pulsões e zonas erógenas, o prazer mais além do princípio de prazer, a segunda tópica, o problema econômico do masoquismo, os trabalhos sobre a feminilidade, etc., não cessaram de mostrar "o temperamento fáustico do Dr. Freud", dito por Breuer. As identificações - nem primitiva ao Pai, nem simbólica a um traço do Outro, nem histérica imaginária ao corpo do outro -, dão conta da escolha do sexo, que é, digamos, eleição de gozo, forçada e inconsciente, e remete ao que não tem representação²². Por que eleição forçada? O variável da satisfação pulsional se encontra com a invariante do gozo que estava antes.

5. Com Lacan. A pulsão se satisfaz em seu traçado

Em *O Seminário, livro 11*, os conceitos freudianos se distribuem dois a dois: inconsciente e transferência, pulsão e repetição. A pulsão²³, "o irrepresentável" apesar das

repressões, sobrepassa o princípio de prazer, vai a esse traçado em que se satisfaz, que jogará sua partida uma e outra vez, onde o objeto é o menos importante do assunto, salvo que o necessita para rodeá-lo, o qual exige certos intercâmbios com o mundo.

Freud havia dito da pulsão, "mito" e "Konvention". Lacan prefere esta última e a traduz por ficção (que em *A Ética* define "a inteira ordem simbólica"). Para a pulsão, "ficção fundamental", "dado radical" da experiência analítica, Freud havia cunhado quatro termos: pressão, fonte, objeto, meta. A pulsão não é o empuxo, esta provém do estímulo interno, diferente da fome e da sede; Lacan não vacila: "trata-se do campo freudiano", de uma topologia da subjetividade que precede a um suposto sujeito.

Pressão (*Drang*) é uma força constante, alheia aos ritmos da função biológica; não conhece nem dia nem noite, nem primavera nem outono, nem alta nem baixa; trata-se de outra coisa. Da constância de uma descarga que se difunde pelas vias do significante. Enquanto a fonte - orifícios do corpo, zonas erógenas - naquele momento Lacan os coloca em correspondência com a pulsação temporal do inconsciente. Através da montagem da pulsão, a sexualidade, sob a forma de pulsões parciais, participa da vida psíquica. O traçado de seu ato bordeia os furos segundo a dialética do arco e do tiro ao alvo; o arco da vida cuja obra é a morte²⁴; a circularidade que em retorno produz um sujeito²⁵. "O novo é ver aparecer um sujeito"²⁶ onde não havia nenhum. A resposta sexuada de um sujeito.

Em *O Seminário, livro 23: o sinthoma*, a pulsão é ressonância de um dizer no corpo, que se escreveu ("escritura" não para ser lida) e fixou a invariante do gozo. Em troca, a coloração sexual - lado homem, lado mulher - vem da resposta do sujeito aos encontros contingentes com o gozo do corpo "escrito" desde antes²⁷. O sujeito não é causa, mas resposta que se encarna em seu

sintoma como modo de gozar do inconsciente, de um lado ou de outro na lógica da sexuação. Onde se trata do *parlêtre*; o falante, o ser, o parecer e a letra de gozo desse ser efeito de discurso; não sem um corpo.

6. Uma produção do cinema argentino que dá o que pensar: "XXY"²⁸

Vou dizer algo sobre XXY, um filme que mostra de maneira mais brutal o que acontece quando o sujeito da ciência deixa para atrás, sem recursos, no mais absoluto abandono, o sujeito do inconsciente, e em definitivo abandono o ser falante. Trata-se de Alex. Nasceu com uma "malformação" genital. Seria menino ou menina? O desconcerto se reflete na ambiguidade de seu nome. Seus pais, rechaçadas as cirurgias e as investigações científicas, se retiram para um povoado marítimo, onde cresceu Alex, cuja virilidade foi anunciada. O pai biológico investiga tartarugas marítimas. A câmera se deleita sobre as vísceras do animal, e um livro com desenhos, *A origem dos sexos*, passa de mão em mão.

Alex, de 15 anos, tosca e estranha, angustiada, recusa os corticóides que deteriam sua virilização. É menino e menina; pelo lado das identificações tudo se mistura. É atraída pelos meninos, recusa as provocações sexuais de sua amiga. A mãe, ante a virilização que se insinua, e atormentada pelos "todos vão morrer", convoca seus amigos, um cirurgião e sua esposa; pensa na castração cirúrgica, que também a apavora. O bom pai sofre, interfere, vacila. Por fim chegam de Buenos Aires o cirurgião e sua família; a contingência se apresentará para Alex pela mão do adolescente Álvaro, filho do cirurgião.

A mãe de Alex necessita esclarecer, colocar as coisas em seu lugar, forçar os tempos, prevenir a desgraça, salvar Alex da cruel insolência de outros meninos, resolver logo.

É a histérica que, do lado da lógica fálica, se constitui em defensora de igualdades e direitos. Para ela, amar Alex é querer seu bem; conseguir-lhe um sexo "normal".

Por que chamar "a histérica" assim? Para dizer que ela não é uma mulher quando se atém a uma lógica na qual a proposição singular não entra, e então tampouco o existente de carne e língua. Mas os termos são transbordados pelos gozos, uma histérica continua sendo uma mulher. Daí as tensões entre os pais de Alex. Lacan disse²⁹: a histérica se apresenta ao homem como se soubesse sobre o sexo e o amor. Ele crê nisso, pois não sabe nada. Mas ela tampouco. Genial Lacan.

Que faria uma mulher? Se "a mulher" é apenas um termo na lógica de termos, falar de *uma* mulher é outra coisa. Uma mulher é uma posição - na lógica dos discursos - capaz de dar lugar ao triplo, ou seja, de lhe abrir aos semblantes³⁰ a ferida do real. O gozo feminino ancorado à lógica fálica, dá lugar ao que a linguagem não nomeia, nem mede nem captura. Amor, dor, intuição, crença, oco, poema, abraço, faísca de loucura.

Alex promove o encontro sexual com Álvaro, o filho de família atarantado. Uma situação equívoca desemboca na inequívoca e satisfatória penetração anal por parte de Alex. Ambos gozam. Confusão e perturbação dos rapazes. Angústia do bom pai biólogo, que de longe surpreendeu a cena. Não entende. Não sabe, lhe dói.

Em Alex, seu filho, nada lhe refletia nada, mas neste momento de ira grita: "meu filho!". Contudo, seu amor cego o faz dizer: "Te cuida até que possa escolher o que queiras". Ao que Alex responde: "E se não houver nada o que escolher?". A escolha do sexo não havia esperado o pai, crente na biologia, perdido nos labirintos dos discursos da época: "escolher livremente". Sem o peso do sintoma.

7. Um comentário para concluir

A escolha de sexo é forçada e inconsciente. A letra de gozo é "uma dobra sempre pronta a acolher o gozo"; por isso acontece de encontrar-se em seu modo de gozar sexualmente. Em *O seminário, livro 18* disse Lacan: "Os homens e as mulheres nem sequer têm que dizer nada para encontrar-se inscritos em um discurso". Do lado homem, seu parceiro sintoma é o objeto *a*, e seu desejo passa pelo órgão (inclusive se não o tem). Do lado mulher, o desejo passa pelo amor, e seu parceiro sintoma é sua fantasia de amor. É o duplo que suporta a parceria humana, onde se tecem o sexo e o amor, seja hetero ou homo sexuais. Daí a metáfora do labirinto.

Na obra de Wedekind, *O despertar de primavera*: Melchior solta seu amigo Moritz, "é uma senhorita". São dois adolescentes; um, Melchior, já havia engravidado Wendla no bosque, assim que pode dizê-lo a Moritz, seu amigo, que teme, vacila, "busca no dicionário, de A a Z, o saber sobre o sexo"³¹, e retrocede ante o encontro sexual. O garoto pretende capturar de A a Z o que não se encontra aí, o que escapa e o paralisa quando as moças falam com ele e dançam ao seu redor. Só o suicídio o libertará do sintoma-mulher³².

E quem é o parceiro sintoma no inconsciente de uma mulher? O que apresenta sua fantasia de amor. Para ela, não toda do lado da lógica fálica, um homem é o que ela quer, aquele que ela imagina e por quem suspira, talvez uma aflição maior que um sintoma, inclusive uma devastação³³.

Tradução: Angélica Cantarella Tironi

Revisão: Mirta Zbrun

¹Texto traduzido do publicado originalmente em Virtualia, Revista Digital da Escuela de la Orientación Lacaniana - EOL, n. 22. Buenos Aires. Disponível em: <http://virtualia.eol.org.ar/022/template.asp>

² Lacan, J. (1960[1975]). "Subversión del sujeto y dialéctica del deseo en el inconsciente freudiano". In *Escritos*. Buenos Aires: Siglo XIX, p.787.

³ Claudel, P. (1990). *L'otage*, suivi de *Le Pain dur* et de *Le père humilié*. París: Gallimard. Três peças nas quais se joga o destino de uma nobre família arrasada pela Revolução francesa.

⁴ Lacan, J. (2003[1960-1961]). *El seminario, libro 8: la transferencia*. Buenos Aires: Paidós, p. 359.

⁵ Idem. ([1973-1974]). *Le séminaire, livre 21: les non dupes errant*. Seminário inédito, aula de 19 de março de 1974.

⁶ Idem. *Ibidem*.

⁷ Idem. *Ibidem*, aula de 12 de fevereiro de 1974.

⁸ Idem. (1960[1964]). "Del trieb de Freud y del deseo del psicoanalista". In *Escritos. Op. cit.*, p. 832.

⁹ Bersani, L. (1998). *Homos*. Buenos Aires: Manantial.

¹⁰ Miller, J.-A. (2010). "Efecto retorno sobre la psicosis ordinaria". In *Revista El Caldero de la Escuela* (14). Buenos Aires: EOL, p. 12.

¹¹ Lacan, J. (1986[1964]). *El seminario, libro 11: los cuatro conceptos fundamentales del psicoanálisis*. Buenos Aires: Paidós, p. 168.

¹² Neste lugar Lacan antecipou o que mais tarde chamará "o inconsciente real".

¹³ Sobre as diferentes incidências na vida cotidiana escrevo semanalmente em www.digopsicoanalisis.com.

¹⁴ Miller, J.-A. No curso *La fuite du sens* (27/03/96), Miller disse que o bla-bla-bla, de onde se desdobra a necessidade dos ditos, "recebe seu sentido das cadeias significantes do inconsciente".

¹⁵ Pulsão era um termo do pré-romantismo alemão colocado na moda pelo Nietzsche wagneriano; se referia a participação humana na efusão cósmica. No campo da ciência fisicalista este termo tomou função de castração.

¹⁶ Kojève, A. (1995). "François Sagan: el último nuevo mundo". In *Revista Descartes* (14).

¹⁷ O citado artigo de Kojève foi comentado por J.-A. Miller em: "Buenos días sabiduría". In *Revista Colofón - Boletín de la Federación Internacional de Bibliotecas del Campo Freudiano* (14). Valencia: EOL.

¹⁸ Ludmer, J. (2010). *Aquí América Latina. Una especulación*. Buenos Aires: Eterna Cadencia, p. 158.

¹⁹ A saber: Edgardo Vega, de El Salvador; Fernando Vallejos, da Colombia e Castellanos Moya, do Brasil.

²⁰ Em "Un recuerdo infantil de Leonardo da Vinci" Freud fala da indelével impressão orgânica de "nosso primeiro gozo de vida". In *Obras Completas*, v. II. Buenos Aires: Biblioteca Nueva, p. 469.

²¹ Chamavam-se os homossexuais de invertidos ou desviados (em inglês *queer*). Em 1920 tomaram o nome para si. Em 1950 prevaleceu *gays*. *Queers* passou às minorias dos "desviados sexuais" que rechaçavam as bipartições heterocentradas.

²² Miller fala das invariantes lacanianas. Disse: "nunca um matema nos dará a fórmula da relação sexual, nem abolirá a contingência do encontro". Miller, J.-A. (2004[1998-1999]). "Invariantes lacanianas". In *La experiencia de lo real en la cura psicoanalítica*. Buenos Aires: Paidós, p. 283.

²³ Lacan, J. (1986[1964]). *Op. cit.*, p. 168.

²⁴ Idem. *Ibidem*, p. 184.

²⁵ Esse traçado não está distante do que anos depois serão as três rodinhas de barbante, em outra topologia.

²⁶ Lacan, J. (1986[1964]). *Op. cit.*, p. 186. Neste trabalho não pude oferecer ao texto o comentário que ele merece.

²⁷ Não existe um sujeito anterior à representação, ou seja, anterior à articulação S_1-S_2 .

²⁸ Filme argentino de 2007, escrito e dirigido por Lucía Puenzo, com atuações e câmeras excelentes.

²⁹ Lacan, J. ([1973-1974]). *Op. cit.*, aula de 15 de janeiro de 1974.

³⁰ Os semblantes espelham sentidos - imaginário (I) e simbólico (S) - e velam o real (R), a triplicidade.

³¹ Como o pai de Alex, que armazena recortes de jornais com casos semelhantes ao de seu filho.

³² Lacan, J. ([1976-1977]). *Le séminaire, livre XXIV: l'insu que sait de l'une-bevue s'aile a mourre*. Seminário inédito, aula de 16 de novembro de 1976.

³³ Idem. (2005[1975-1976]). *Le séminaire, livre XXIII: le sinthome*. Paris: Du Seuil.